

Ruy Ventura

# *Chave de ignição*

o arquivo de  
Renato Suttana

[http://www.arquivors.com/ruy\\_chave.pdf](http://www.arquivors.com/ruy_chave.pdf)

2007

*contramina*

1.

desço ao interior da serra.  
o coração arde. um pulover molhado  
recolhe o medo e a tempestade.  
não encontra no horizonte  
a fortaleza do tempo,  
o fogo – e o veneno.

entre rochedos, há ossos  
sem brancura. as raízes  
atravessam o abrigo  
até encontrarem o último vestígio  
do caminho que levava  
à nascente. desço – e seguro  
nas mãos as asas da noite.  
quase sem luz, encontro no poço  
vozes e silêncios – e o nascimento  
da alma na secura da tarde.

a corda divide o nosso corpo.  
incendeia o cabelo, sem ferir  
os olhos e a memória.  
a árvore, seca, divide  
a contramina  
para que tenhamos no tanque  
esse nome sem água.

o coração arde com medo do fogo.  
desce ao interior da montanha.  
a cinza do coração fertiliza  
o campo e memória.  
espera, nesta estrada,  
o silêncio do baptismo,  
quando a noite cai  
e a morte chega  
por segundos.

2.

desço a escada.  
encontro no forno essa árvore.  
a voz. procura acender o lume.  
a água. acolhe dentro de si  
sedimentos, fragmentos  
de luz e de memória.

o fogo fertiliza esta árvore.  
dentro do forno  
tenta lavar do sangue os utensílios.  
ao longe, o telhado renasce  
noutras mãos. destila  
a dor e a palavra.

sem brilho, os olhos contemplam  
os carvalhos, o calor da madeira  
(este vazio)  
a velocidade desse sangue  
nesta viagem.

o cabelo recolhe a temperatura  
da terra. dissolve tudo  
neste caminho virado a poente.  
a mão segura as asas.  
tenta encontrar o sono, a respiração –  
da montanha –

e uma gota de água.  
em silêncio, tenta encontrar uma gota de água  
para dissolver este sal  
que vai queimando a carne –  
e essa memória.

3.

a água sobrevive  
ao esplendor do mundo.  
o assento  
desmonta a paisagem.  
a primeira dor aproxima-nos,  
alimenta a força da corrente  
- raiz e crescimento.

os arcos abateram.  
a biografia reserva-nos  
um pouco de sangue  
na confluência  
do medo  
com a memória.

recorda-nos que o rio  
escreveu  
a morte e a viagem.

desvia-nos do silêncio.  
acompanha o sono  
até à nascente.

esta manhã não termina.  
o assento faz-se. sem pausas.

teu nome, junto à foz,  
resguarda-me

da morte.

4.

a luz atravessa o sangue, a memória.  
mastiga este canto na cidade.  
o incêndio devasta o interior da porta.  
fragmenta estes olhos, entre o friso e a fogueira.

a melodia prende a angústia e o mistério.  
prendo no olhar as mãos que apagam  
a melodia desta chuva.

devagar, leio o sangue e a saliva  
correndo ao canto da boca.  
o livro rasga a língua, a garganta –  
o canto (dos lábios) nos intervalos do silêncio.

o frio, dizes, transmite à nascente  
um pouco de morte. a nascente  
deixa cair sobre nós esse incêndio.  
o lume avança. enruga a pele,  
queima os cabelos, os ossos – a alma.

escrevo sobre o areal.  
desço para encontrar nos escombros  
uma faixa de terra  
para alimentar o segredo.  
nada vislumbro.  
desfaço o teu corpo

em ruínas  
a noite prevalece.

5.

a fotografia permanece em segredo.  
esta lágrima aprende  
o último dia de inverno.  
reserva-nos uma cidade  
onde a fuligem coloca  
dentro da estranheza  
algumas vozes cantando.

o calor nasce, apesar da língua.  
a carta segue.  
o pescador recolhe  
(no miradouro)  
uma imagem que não lhe pertence.  
ao longe, a torre alivia o peso  
da fotografia. o automóvel desenha  
lugares sem nome.  
existem páginas e páginas  
que não é possível escrever.  
a inocência guarda-nos da chuva.  
a luz permanece (rosto e palavras)  
na temperatura que fizemos nascer.

o silêncio releva o silêncio.  
nasce nesta melodia que nos corta o ventre.  
cria-nos. traduz, nalguns traços, a árvore.  
a raiz permanece fora de alcance  
quando, perante uma agonia,  
vislumbramos algumas vozes  
cantando.

6.

o retrato transcende a caligrafia.  
a partitura recolhe-nos dentro de água.  
uma melodia nasce dentro desta noite,  
procura no dicionário o sentido  
profundo  
para esta frase  
entre o calor e o frio das manhãs.  
entreabre a porta. descobre este caminho  
até ao centro da terra.  
desenha o teu nome nas sílabas deste nome.  
aperta entre os dedos a tua voz.

a planície e a montanha  
acolhem a transfiguração do sangue

ligando-nos  
como sombra ou tempestade.

7.

o corpo dissemina a paisagem.  
semeia, entre o lixo e os pinheiros,  
ervas e fragmentos de sombra  
que iluminaram o coração.

escavando, o medo revolve  
memórias apodrecidas, tábuas  
em que inscreveram  
a regra da tua morte.

há sinais e tempestades  
alimentando o desejo que conservamos.

o odor dissolve os contornos  
desse rosto sem olhos  
que a chuva devolve  
ao campo das origens.  
a mina recolhe a água  
em que lavámos a nossa angústia.

tudo regressa.

a cintilação alimenta, mas não sacia.  
a vidraça conserva filamentos de luz  
que a superfície não consegue rejeitar.

não existe paisagem  
para além do quadro.  
monótona, a tinta dissolve  
a alma e o pintor.  
descreve esse segredo  
como telha enegrecida –  
lançando água para a terra,  
guardando (sem saber)  
fragmentos de tempo  
que ninguém quis conservar.

8.

a tinta envelhece.  
a madeira revela  
algumas gotas de sangue  
e a memória dos dedos  
na superfície, sem água.

a chuva não afasta  
a poeira dos olhos.  
os ramos reverdecem,  
mas não existe água  
que possa vencer  
a sonolência da tarde.

a lama atravessa  
o limiar da fome.  
tenta encontrar  
a estrutura do bosque  
entre telhados e raízes.

que lume alivia  
a incerteza do asfalto?

a chuva difunde  
o calor e a solidão.  
devolve à melancolia  
esta sombra sem asas.

9.

a carne queima a sombra e a memória.  
deixa sobre os olhos um traço negro.

a água não consegue lavar a cinza deste corpo.  
sem membros, o tronco enegrece sobre a terra.  
deixa nas árvores o último grito –  
lançado na hora do abate.

que corpo resguardava esta carne?  
trago às palavras um nome, um gesto, uma fronteira.  
sem vida, o meu olhar descobre nas vísceras  
vestígios de saudade  
que a tarde não conseguiu matar.

sangue apenas?

coágulos dissolvem o centro da cidade.  
o metal atravessa as estrelas,  
reconhece na carne os odores da última viagem.

que noite vivo?

a memória enegrece, mas persiste.  
escavo o esquecimento.

a fotografia permanece  
– calcinando o fogo.

10.

árvore morta –  
nessa mancha de sangue  
que escurece a casa inteira.

corpo de sombra –  
que nenhum de nós pode contemplar.

estrela? talvez estrela –  
imagem de estrela  
que, por segundos, fertiliza  
o horizonte.

a gravidade  
tenta enterrar de novo  
algumas raízes –  
para que a seiva não se perca,  
para que a humidade  
a liberte da chama  
que destruiu o telhado da casa.

árvore seca –  
mancha de sangue,  
pele queimada nas raízes.

a dor aumenta –  
para que conheçamos o corpo,  
para que entendamos a terra.

(desapareceu a força  
que noutra tempo  
abriu fissuras na pedra  
até alcançar a humildade da sombra?)

a árvore definha –  
com a visão do sangue.

o vento sutura as feridas. –

a dor permanece  
apesar da anestesia.

*viagem*

11.

queimo tudo dentro deste quarto.  
a melodia cresce  
no lugar onde o teu corpo  
parte.  
o campanário permanece.  
mesmo a trinta quilómetros de distância,  
a alma renasce  
com a poeira.  
faz parte da serra  
– a que chega, a que fica, a que  
abala como abrigo  
escavado na rocha –.  
a pedra recebe o teu corpo.  
desaparece.  
apenas um rasgo entre dois líquenes  
recorda a fundura  
das células.

queimo tudo  
nesta casa.  
os sinos pontuam o sono.  
o pão chega-nos pela manhã.

– a melodia  
cresce.

12.

abro a porta. entro sem ver  
essa dança que ilumina o coração.  
a terra protege-nos do frio.  
desvia dos olhos essa fome  
com que fomos edificando  
o sangue, a alma.

cozinhamos sombras e segredos.  
colocamos a cinza sobre o corpo  
para acendermos o fogo e a memória.

a cinza lava essa imagem,  
a nossa imagem sem cor, sem nome –  
ardendo sobre as águas.

guardo neste braço a luz do dia.  
sobre a pele, a noite dissolve  
o mundo inteiro – sedimentos  
(acumulados sobre a morte)  
que iluminam a voz e a tristeza.

alimento-me dessa escuridão.  
tento trazer para dentro da caverna  
fragmentos de pão e de paisagem.

a sombra invade-nos  
quando menos esperamos.  
a luz vai gravando sobre a porta  
a legenda da voz que alcançámos.

que dança ilumina o coração?

a água atravessa a fome e o movimento.  
a cinza devolve à terra  
este corpo (sem cor, sem nome).

o fogo enegrece as paredes do templo.  
só assim conseguimos escutar a derradeira canção -  
ecoando noite e dia  
nos alicerces do medo.

13.

a serenidade acolhe-nos.  
solene, a serenidade acolhe-nos –  
como uma tempestade.  
o mar devolve esse clamor que nos atravessa.  
a noite satisfaz a cidade e o alimento.  
faz-nos desaparecer em qualquer encosta virada a poente.

habitamos o espaço  
reunindo e multiplicando  
a linguagem que preside ao desespero.

existiu entre nós uma fronteira?  
solene, apenas a ventura –  
interior à luz, como a catedral  
depois de uma tarde de trovoada  
(ressurreição ou deslumbramento):  
a mesma carne, o mesmo sopro  
na respiração do inverno.

a serenidade recolhe-nos  
dentro da tempestade.  
reúne palavras e objectos  
que ninguém lê  
mas que todos compreendem.  
dissolve assim o arquipélago.  
o mar dissolve o clamor que nos entende.  
o vento abre a janela  
para que possamos respirar.

14.

a dor conhece a paisagem  
nesse lugar onde uma lágrima  
(esta alegria)  
desce com o sangue  
para alimentar aquela noite.

procura o melhor lugar  
para os objectos na inundação da alma –  
neste quarto, onde as linhas do rosto  
procuram a harmonia da terra.

não será preciso transformar em árvore  
o corpo que construímos.  
a raiz cresce na viagem que satisfaz o medo  
na temperatura deste mapa  
onde somos legenda e deserto.

a dor conhece esta paisagem.  
uma nuvem desce para sul.  
altera a casa

e o mundo.

15.

projectamos este filme na memória.  
como num vitral, a noite transfigura-nos.  
acolhe-nos sem ser preciso desvendar  
esta alegria (beleza ou deslumbramento).

a serra ilumina este rosto  
entre o alicerce e a transcendência da fala.  
alumiamos a terra  
para chegarmos a essa fonte.  
multiplicamos a imagem.  
ao longe, as cores desaparecem.  
as formas descem nos objectos  
como mistério ou ansiedade.

projectaremos este filme  
na memória.  
entre terra e céu, o corpo cresce

como um pinhal  
plantado há sete dias.

# *ignição*

16.

circula entre duas agonias.  
traslada desse corpo a saudade  
inscrevendo nesta sombra  
a vida inteira.  
negro, descobre nessa água  
a vertical distância  
do brilho  
até ao brilho.  
a poeira assenta sobre os ossos.  
dissolve a flor e o carbono,  
não deixando sequer a nossa idade.

duas fotografias vêm de longe,  
de entre as válvulas do coração.  
*“não conhecerás, meu filho, a corrupção  
dos mortos”* – dizem de longe,  
caminhando sobre as águas  
que o firmamento enegreceu.  
entre os dedos, a cinza  
consome outra imagem –  
folhas e folhas de uma árvore  
ainda por nascer.  
o sal, sobre o rosto, revolve a terra  
até ao infinito. brilha  
nesse corpo em que o vento  
guarda a cicatriz da água sobre o braço.

*“a beleza asfixia-nos”*<sup>(\*)</sup>. uma lágrima  
golpeia a garganta.  
circula entre duas agonias.  
e entre duas agonias  
comunga nesta noite  
um fogo imenso.

\*

sem rosto, o sangue vigia-nos.

---

<sup>(\*)</sup> De um poema de Amadeu Baptista.

encontra nessa noite a luz antiga  
que um dia visitou estas ruínas.  
por detrás de cada alma  
foi ficando uma legenda:  
escombros que não me pertencem,  
folhas de ouro que a terra  
um dia recobriu,  
ou que o tempo revelou há tantos anos –  
braços de uma estátua sem olhos,  
sem sombra, sem cabelo.

a casa (esta casa) acolhe fantasmas  
que iluminam o fogo e o coração.  
vultos negros,  
luminosos, negros –  
luzes encobertas pelo vidro,  
aclaradas pelo sangue e pela erva.

o sangue resguarda este corpo,  
os espectros que este corpo multiplica.  
as raízes alastram. a cinza descobre  
a angústia, a agonia – o alumbramento.  
cobre e descobre  
a distância, o brilho do caminho  
e da ausência.

deposito esta cinza nessas mãos.  
queimo talvez as linhas, os músculos, a pele.  
comungo deste pão e deste vinho.  
traslado espinhos rasgando  
fronteiras, paredes, sílabas –  
a circulação do corpo  
nesta alma, neste sopro –

e o infinito voo,  
nas entranhas,  
dessa ave  
desenhada pelo mar.

17.

a noite principia.  
sem ossos. sem carne.  
a terra vai guardando  
à espera do fogo, a dança  
que entenebrece a tempestade.

um rio seco  
onde os pássaros comem  
as últimas sementes.  
que é feito da água?  
nas margens, os troncos  
dissolvem no tempo  
imagens que a tarde  
não soube recordar.

as raízes agarram-se à terra.  
o gelo calcifica o olhar que lançamos  
à estrada – em pleno inverno.  
a cinza permanece no interior do balde.

a noite principia –  
sem verbo, sem fome, sem sémen  
alimentando essa carne  
que o sangue transfigura.

o cálice permanece, apesar do vento.  
o sangue afluí à extrema desta casa,  
procurando desenhar a perfeição do fogo.

o muro permanece. protege-nos  
porque nos ilumina  
quando tentamos escrever  
o sono e a madrugada.

a noite existe. sem ossos. sem carne.  
bebê-la-emos. comê-la-emos  
quando a voz cessar  
e uma lágrima  
engolir a cinza,  
a sombra – o coração.

18.

arde sobre o ventre a mais antiga gravura  
de um corpo dissecado. a carne  
apodrece no lugar onde procuravam o curso  
dos planetas, a intensidade do sol nos dias  
de guerra, a radiação emitida pelas palavras.

\*

sem existência, uma lápide grega regista momentos de fome,  
sangue contaminado pela estrada, uma janela aberta  
sobre um coração parado (à espera de um transplante  
de memória), o sexo sobre os lábios  
eliminando a distância do segredo ao segredo, a mão  
procurando uma linha de esperma que desce  
e atravessa o vaso um dia colocado  
nos alicerces da casa.

\*

entrega-se um corpo à morte e à fotossíntese.  
átomos, células, fluidos, vasos, vísceras, ossos (minério  
de um corpo presente que come, chora, ama,  
canta, urina, grita, pensa, adormece) são lançados  
sobre a pedra – divididos em filamentos de luz  
esquadrinhados pelos dedos de uma mão ausente  
à procura de sinais de uma bala ou do veneno  
que foi eliminando a cor dos tecidos.

\*

há vestígios de sangue. nenhuma erosão  
explicaria os glóbulos e as plaquetas encontrados  
séculos depois num dos orifícios escavados no rochedo.  
queimadas as vísceras, nada encontraram

que pudessem transmitir.

\*

que coluna nos sustenta quando o sismo vem  
apodrece as raízes e estilhaça o tabuado  
que permitia a respiração nos andares superiores da casa?  
as pedras, sobre o telhado, sustentam o colmo  
da existência – matéria lenhosa que divide os segredos  
da memória.

\*

corpo ou aparência de corpo? tivéssemos corpo  
e saberíamos distinguir a estrutura  
do simulacro. saberíamos conduzir-nos  
quando o vento cessasse e a água (chuva ácida?)  
corroesse o vidro que nos separa  
do terramoto.

\*

sem voz, sem terra, sem sombra – estes ossos e  
estes músculos limitam-se a fotografar  
um tráfego de sombras e a revelá-lo entre os poros  
enegrecendo a pele, tornando roxas as unhas, encanecendo o cabelo.  
eliminam-se assim as poucas palavras  
que permitiriam atravessar a fronteira.  
resta-nos o forno. nele lançamos (e perdemos)  
todos os momentos – e todos os lugares.

19.

comungo nesta noite um fogo imenso.  
sem voz. sem tempo.  
devoro esta carne salgada  
pelo sopro que acalenta o mar  
e as montanhas.  
abro estas asas. bebo sem cessar  
o néctar e o coração. nenhuma sombra  
nos protege. o sol e a água queimam  
a superfície deste corpo  
em que a negra flor  
traslada da raiz o odor dessa luz  
que poucos vêem.

desenho no poema os recantos  
dessa casa que habitamos.  
abro a porta quando menos espero.  
entro com a sede de quem viu nessa noite  
o fogo devorando o sol e a alma.  
morro e ressuscito.  
como quem visita um santuário.  
a árvore estabelece o eixo e o caminho.  
mas todo o itinerário te pertence  
nesse corpo sem vida  
porque outra vida recupera –  
madeira eterna que nunca hei-de encontrar.

corpo e sangue  
transcrevem uma outra imagem.  
vento e sombra de vento. a modulação do  
ventre entre os dedos, sobre a língua.  
glória e desespero.  
a saudade cava essa vala  
onde encontraremos, mais tarde,  
o eréctil vaso que um dia aí depositámos.  
discreta, vai cavando à nossa volta  
um fosso onde vamos resguardando  
a vida inteira.

sobre o bosque elevaram durante a noite  
essa rocha que

um dia veio ao nosso encontro.  
recebes no teu seio essa luz.  
desenhas comigo o espírito  
que acorda outras vozes  
que nunca saberemos decifrar.

elevas esse grito como asa.  
comungas nesta noite um fogo imenso.  
sem voz. sem sangue. sem corpo.  
resguardas comigo  
a sombra, a saliva, a serpente.  
escreve o frio, uma nuvem  
alcançando a colina.

nenhuma sombra nos protege.  
desenho os recantos desse corpo  
engolido pelo mar.  
os alicerces guardam fragmentos  
de outra viagem. fragmentos de tempo –  
sangue seco que o tempo não quis apagar.

a carne conserva essa voz. esse sangue.  
um corpo nasce. um corpo nasce

para que eu possa morrer.

## NOTA

O 2º poema desta sequência, nascido no Carvalhal (Marvão), é dedicado à memória de meus avós paternos, Maria Josefa e António Pedro. O 9º é para meu pai, Joaquim Baptista Ventura. O 14º é para a Sónia. O 18º partiu de uma visita ao santuário de Panóias, perto de Vila Real.